

A importância da educação ambiental crítica para a formação de professores: Um relato de experiência com alunos do Ensino Médio

The importance of critical environmental education for teacher training: An account of experience with high school students

La importancia de la educación ambiental crítica para la formación de profesores: Un relato de experiencia con estudiantes de secundaria

Andressa Aparecida Castro

Graduanda, UFLA, Brasil
andressaprcastro@gmail.com

Carolina de Souza Oliveira

Graduanda, UFLA, Brasil
carolinaoliveira.s@outlook.com

Marina Battistetti Festozo

Professora Doutora, UFLA, Brasil
mbfestozo@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho aborda a importância da educação ambiental na compreensão do meio na formação de professores. Trata-se de um relato de experiência que tem como principal objetivo analisar e discutir as contribuições da educação ambiental na formação inicial de professores, através de um projeto realizado com alunos do terceiro ano do ensino médio em uma escola estadual do município de Lavras, MG durante a atividade do estágio supervisionado, do curso de Ciências Biológicas – Licenciatura, da Universidade Federal de Lavras. O projeto objetivou a discussão acerca de como certas doenças se relacionam com questões sociais. Foram tratadas com os alunos as etapas de produção -extração dos recursos naturais, produção nas fábricas, consumo e descarte do lixo- e, a partir delas, foram discutidas questões sociais, econômicas e políticas, assim como as doenças decorrentes de cada uma. Posteriormente os alunos em grupos construíram paródias que abordavam os assuntos presentes nas discussões. Foram tratados assuntos como a ocupação de meios urbanos e as doenças emergentes, a produção nas fábricas e as condições precárias de trabalho, a mídia relacionada ao consumismo e a falta de saneamento básico em diversas regiões, o que é de responsabilidade individual, coletiva e o que demanda ação do poder público, relacionando essas questões com a realidade local. As paródias demonstraram a necessidade de um trabalho contínuo com educação ambiental nas escolas. O trabalho trouxe diversas reflexões importantes para a formação de professores visando uma educação com objetivo de formação de sujeitos cuja inserção na sociedade seja crítica e transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores, Educação Ambiental, Ensino Médio.

ABSTRACT

This paper discusses the importance of environmental education in understanding the environment in teacher education. This is an experience report that has as main objective to analyze and discuss the contributions of environmental education in the initial teacher training, through a project carried out with students of the third year of high school in a state school in the municipality of Lavras, MG during the activity of the supervised stage, of the course of Biological Sciences - Licenciatura, of the Federal University of Lavras. The project aimed at discussing how certain diseases relate to social issues. The stages of production - extraction of natural resources, production in the factories, consumption and disposal of garbage - were discussed with the students, and from them social, economic and political issues were discussed, as well as the diseases resulting from each one. Subsequently the students in groups built parodies that addressed the subjects present in the discussions. Issues such as the occupation of urban environments and emerging diseases, production at factories and precarious working conditions, consumer-related media and the lack of basic sanitation in various regions were addressed, which is an individual, collective responsibility and the which demands action from the public power, relating these issues to the local reality. The parodies demonstrated the need for continuous work with environmental education in schools. The work has brought several important reflections for the formation of teachers aiming at an education with the objective of training subjects whose insertion in society is critical and transformative.

KEYWORDS: Teacher Training, Environmental Education, Secondary Education.

RESUMEN

El presente trabajo aborda la importancia de la educación ambiental en la comprensión del medio en la formación de profesores. Se trata de un relato de experiencia que tiene como principal objetivo analizar y discutir las contribuciones de la educación ambiental en la formación inicial de profesores a través de un proyecto realizado con alumnos del tercer año de la enseñanza media en una escuela estatal del municipio de Lavras, MG durante la actividad de la etapa supervisada, del curso de Ciencias Biológicas - Licenciatura, de la Universidad Federal de Lavras. El proyecto objetivó la discusión acerca de cómo ciertas enfermedades se relacionan con cuestiones sociales. Se trató con los alumnos las etapas de producción -extracción de los recursos naturales, producción en las fábricas, consumo y descarte de la basura- y, a partir de ellas, se discutieron cuestiones sociales, económicas y políticas, así como las enfermedades derivadas de cada una. Posteriormente los alumnos en grupos construyeron parodias que abordaban los asuntos presentes en las discusiones. Se trataron asuntos como la ocupación de medios urbanos y las enfermedades emergentes, la producción en las fábricas y las condiciones precarias de trabajo, los medios relacionados con el consumismo y la falta de saneamiento básico en diversas regiones, lo que es de responsabilidad individual, colectiva y que demanda acción del poder público, relacionando esas cuestiones con la realidad local. Las parodias demostraron la necesidad de un trabajo continuo con educación ambiental en las escuelas. El trabajo trajo varias reflexiones importantes para la formación de profesores visando una educación con objetivo de formación de sujetos cuya inserción en la sociedad sea crítica y transformadora.

PALABRAS CLAVE: Formación de Profesores, Educación Ambiental, Enseñanza Secundaria.

1. INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento das relações sociais, políticas e econômicas o homem passou a explorar cada vez mais os recursos naturais de maneira desenfreada, sem se preocupar com os impactos causados no ambiente (TREIN, 2012). O atual modelo de sistema capitalista contribuiu para que a maioria das relações existentes seja baseada em exploração. Tozoni-Reis (2004) aborda que a partir de uma concepção dialética é possível compreender que a relação do homem com a natureza é marcada por uma contradição uma vez que a forma de produção baseada no sistema capitalista coloca o ser humano em oposição à natureza.

A autora ainda discute que o trabalho é o que media a relação do homem com a natureza, sendo ele marcado historicamente por um processo que levou a uma relação de degradação e exploração. Assim, as necessidades do homem e as interações sociais são mutáveis e sua relação com a natureza é essencial. Marx discute que o homem se transforma na natureza, sendo uma extensão dela: “o homem vive da natureza, quer dizer: a natureza é seu corpo, com o qual tem que manter-se em permanente intercâmbio para não morrer” (MARX, 1993, p.164). Contudo, nem sempre estas questões são discutidas pela educação ambiental, que é pensada e categorizada em diferentes vertentes de acordo com as vivências, influências e contextos. Segundo Adams (2005), há muitas abordagens em que a educação ambiental se resume apenas em trabalhar questões como a preservação da natureza, diminuição do lixo e a proteção dos animais de forma descontextualizada. Assim, a educação ambiental assume um caráter naturalista, reforçando a vertente da educação ambiental conservacionista, em que as questões sociais não são pensadas nem refletidas.

Outra vertente da educação ambiental é a chamada educação ambiental crítica, que é uma práxis social e tem objetivo de emancipação do sujeito e busca a sua transformação por meio da compreensão da realidade de maneira completa, não fragmentada (LOUREIRO, TOZONI-REIS, 2007).

Essa última abordagem será utilizada nesse trabalho com o objetivo de compreender o sujeito humano e suas relações na sociedade em que ele está situado. A educação ambiental crítica assume então um papel para a formação de uma nova relação entre o ambiente e a sociedade. Nessa perspectiva a educação ambiental busca construir uma sociedade emancipatória, com sujeitos críticos e transformadores (TOZONI-REIS, 2005).

A própria Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9795/1999, apresenta em seu art. 1º: “Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (BRASIL, 1999).

Desta forma o processo educativo ambiental precisa ser pensando dentro desta perspectiva, quebrando assim o conceito enraizado de ambiente que não considera seu caráter social e histórico, não resumindo apenas a concepção biológica. Neste caminho, Leff (2001, p. 224) afirma que:

O ambiente não é, pois, o meio que circunda as espécies e as populações biológicas, é uma categoria sociológica (e não biológica), relativa a uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes como também novos potenciais produtivos. (LEFF,

2001, p. 224).

Assim, é preciso compreender o ambiente em seu sentido amplo e não apenas biológico, uma vez que a partir desta vertente é possível compreender o contexto da sociedade e como os acontecimentos passados ainda refletem na atual conjuntura, mostrando assim que os aspectos sociais, políticos, econômicos, entre outros atuam em conjunto e não de forma isolada. Neste sentido a educação ambiente permite compreender estes aspectos e assim transformá-los.

Harden e Crosby (2000), afirmam que para que haja mudanças sociais é preciso um diálogo com as propostas pedagógicas, assim o professor assume o papel de mediador, buscando também o que o currículo esteja de acordo com os problemas enfrentados pela comunidade, como questões ligadas a saúde que muitas vezes apresentam um processo formativo falho, que não consegue ser amplo o suficiente para suprir as demandas da sociedade, indicando assim um caminho para a colaboração das práticas interdisciplinares que a escola oferece.

Este é um assunto também abordado dentro do PCN, como tema transversal, Fernandes (2007) destaca que no decorrer dos últimos anos, o ensino sobre saúde tem mostrado resultados pouco significativos quando relacionados a uma orientação transformadora e integradora entre o ensino e saúde e a cidadania, reforçando assim a necessidade de se trabalhar este tema nas escolas.

Considerando então que a educação ambiental crítica visa à formação de cidadãos críticos, reflexivos e transformadores, o presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar as contribuições da educação ambiental na formação inicial de professores, através de um projeto realizado com alunos do Ensino Médio.

Dessa forma, visando uma construção em conjunto e com a intenção de unir os objetivos do Estágio e os da professora supervisora, o tema do projeto foi definido pela programação do conteúdo ministrado por ela ao longo do ano, que no momento era "Saúde". O objetivo do projeto foi de promover discussões e reflexões com os alunos acerca de como certas doenças se relacionam com o meio social em que os alunos estão inseridos.

Durante o desenvolvimento do projeto foram tratados assuntos como saneamento básico e as doenças relacionadas, degradação ambiental relacionada com a ocupação dos meios urbanos, o que é de responsabilidade individual, coletiva e o que demanda ação do poder público relacionando essas questões com a realidade local. Assim, buscou-se desenvolver estratégias para formação coletiva, visando à participação e contribuição de todo o grupo e levando em consideração seu trajeto histórico, suas características sociais e culturais, assim como suas percepções e conhecimentos.

A educação ambiental reúne uma diversidade de questões sociais e políticas que definem o homem e a sua relação com a natureza. Assim, trabalhar a educação ambiental a partir de um viés crítico na formação de professores assim como na formação de alunos do ensino médio significa possibilitar um campo amplo de relações a serem feitas que vá propiciar uma formação cidadã crítica e transformadora.

2. METODOLOGIA

Pesquisar diz respeito à capacidade de produzir conhecimento adequado à compreensão de

determinada realidade, fato, fenômeno ou relação social (MEKSENAS, 2002). Ao dedicar-se ao estudo de um tema específico, o educador em formação apropria-se não somente dos conhecimentos mais aprofundados sobre determinados temas, mas também, principalmente, do processo de produção do saber. Torna-se, assim, sujeito no mundo do conhecimento (TOZONI-REIS, 2007). Dessa forma, é possível refletir o quanto o processo de desenvolver uma pesquisa desde seu início, torna-se importante na formação docente.

A pesquisa no estágio como método de formação de futuros professores, se traduz, de um lado, na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, e em especial, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. Supõe que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidos na postura investigativa (PIMENTA & LIMA, 2004 p. 46).

Partindo da concepção da autora, é possível entender que a pesquisa no estágio permite conhecer mais proximamente a realidade da escola podendo refletir e propor, em parceria com a escola, projetos para intervenção dos problemas enfrentados pela comunidade escolar, quebrando assim uma concepção conservadora do estágio como apenas uma observação passiva da escola, passando assim a utilizá-lo como uma ferramenta de observação, reflexão e transformação.

Tendo em vista a crítica feita ao modelo de sistema baseado em exploração e alienação, há a proposta de uma metodologia de pesquisa nomeada “Pesquisa-ação”, que tem caráter dialético, crítico e que busca transformação, participação e emancipação, o que vai de acordo com as intenções da Educação Ambiental Crítica de ruptura com o modelo de sociedade e de ciência dominantes. Assim, a pesquisa-ação participante além de investigar e produzir conhecimentos sobre a realidade a ser estudada, ainda realiza um processo educativo para o enfrentamento dessa mesma realidade (TOZONI-REIS, 2007).

O projeto em questão foi desenvolvido por meio de uma atividade do Estágio Supervisionado III, do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras, MG realizada com os alunos do terceiro ano de Ensino Médio de uma Escola Estadual do município de Lavras, MG. O projeto foi realizado sob orientação da professora orientadora de estágio assim como da professora supervisora da escola.

Dessa forma, a proposta para esse trabalho foi inicialmente conhecer o meio em que as famílias dos alunos estão inseridas, mais especificamente sobre questões ligadas à saúde, se e como eles têm acesso ao saneamento básico e se há casos de doenças ligadas à água na família. Além disso, saber qual a concepção que eles possuem sobre a maneira que a questão da saúde está relacionada com o meio em que vivem, como por exemplo, de que modo eles veem que o saneamento básico está relacionado com casos de doenças. Isso foi feito a partir de perguntas que foram entregues a eles pela professora supervisora e respondidas por

escrito. São elas:

- 1- Dê 5 exemplos de ambiente.
- 2- Em qual bairro você mora? Nele há saneamento básico?
- 3- Qual a relação do saneamento básico com casos de doenças?
- 4- Na sua família tem ou já teve casos de doenças relacionadas à água? Se sim, quais?

Antes de lhes pedirem para responder as questões foi feita uma introdução pela professora explicando inicialmente o que é saneamento básico e também destacando a importância da participação deles, pois o projeto conta com a construção em conjunto tanto das estagiárias, da professora e dos alunos.

A partir da análise das respostas foi possível conhecer o que eles já sabem e qual a visão deles a respeito do assunto, possibilitando então a elaboração de discussões em sala de aula. A ideia de uma discussão com toda a turma teve objetivo de promover a participação e interação dos alunos para que eles expressassem seus pensamentos e pudessem coletivamente construir novas ideias. Assim, esse espaço de discussão aconteceu em uma hora/aula com cada uma das turmas de terceiro ano separadamente.

O tema transversal: “Trabalho e Consumo”, proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foi escolhido para estabelecer um diálogo com as discussões propostas. Assim, foram abordadas as etapas de produção para chegar às causas das doenças relacionadas a elas. As etapas são: “extração dos recursos naturais”, “produção”, “consumo”, “descarte”. A partir de cada uma das etapas foram tratadas as doenças relacionadas a elas, entrelaçadas à maneira como elas se relacionam com o meio social.

Como avaliação, as estagiárias e a professora supervisora entenderam que o melhor método seria pedir que os alunos construíssem uma paródia em grupos com o tema que eles mais se interessaram durante a discussão. Anterior à produção das paródias, houve uma aula por turma em que as estagiárias tiveram a oportunidade de discutir algumas questões que haviam ficado sem aprofundamento devido ao pouco tempo disponível, uma vez que as férias de fim de ano se aproximavam.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade foi realizada com cinco turmas diferentes de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola Estadual. Elas se aprofundaram em questões diferentes em cada turma, no entanto, o caminho guiador foi o mesmo em todas elas. Durante as discussões foi traçado um eixo central seguindo as etapas de produção para tratar posteriormente das doenças relacionadas a elas. Para ilustrar cada etapa, foram feitos desenhos em cartolina representando-as (Figura 1) e à medida que a conversa ia se desenvolvendo, os desenhos foram sendo apresentados e colados no quadro.

Figura 1: Desenhos utilizados durante as aulas.



Fonte: AUTORES, 2018.

3.1 Extração dos recursos naturais

Em todas as turmas a conversa se iniciou com perguntas como “Quem possui um aparelho celular?”; “Quem tem TV em casa?” seguido de outra pergunta “De onde vêm as coisas que possuímos?”. Os alunos respondiam coisas pontuais como “do supermercado” ou ficavam pensativos, sem resposta. Assim, por meio de perguntas guiadoras, os alunos chegaram à “extração dos recursos naturais”, que foi a primeira etapa abordada. Nela, os alunos falaram sobre desmatamento, queimadas, sempre se posicionando contra essas questões e destacando a necessidade de um método menos agressivo ou a necessidade de reflorestamento para tentar reverter um pouco à situação. Também foram abordadas questões relacionadas à extração da matéria-prima para a fabricação de produtos e como é realizado este processo. A partir disso, foi falado sobre a ocupação dos meios urbanos e as doenças relacionadas a isso, como as chamadas “doenças emergentes”.

Cavalcanti (2004), afirma que a preocupação com os problemas ambientais precisa de indicadores “ecológico-econômico” que apontem a real porcentagem de perda e os danos causados no ambiente que não são apenas naturais, mas também biológicos e sociais. O autor ainda estaca que não há ganho que possa justificar a extração de recursos naturais, Daly (2002) complementa assim, apontando para que se faz necessário uma visão ecológica da economia, para que as questões ambientais não sejam deixadas de lado, muito menos justificadas apenas pelo lucro.

3.2 Produção

A segunda etapa abordada foi a da “produção”, em que foi falado sobre como a matéria-prima chega às fábricas e como são as condições de trabalho nesses locais. De maneira análoga à etapa anterior, em que há uma exploração dos recursos naturais, nessa etapa há uma exploração do trabalhador. A discussão foi conduzida nesse sentido, falando sobre as condições de trabalho que muitas vezes são propensas a causar doenças e, além disso, muitas vezes os trabalhadores não tem um suporte mínimo para casos de doenças. Em uma das turmas esse assunto causou grande polêmica, pois uma minoria dos alunos expressou sua opinião de que

os trabalhadores submetidos a esse tipo de trabalho desvalorizado o fazem porque optam por isso e segundo os alunos, eles poderiam mudar de emprego se quisessem.

A partir da fala deles, foi problematizado se os trabalhadores têm oportunidades de empregos suficientes para que eles possam fazer escolhas sobre onde e como trabalhar. Uma grande parte da turma se manifestou dizendo que na maior parte das situações, o trabalhador não tem outra opção de trabalho por falta de oportunidades, sendo obrigados a se submeterem a condições injustas e precárias.

Apesar dessa discussão em uma das turmas, nas outras os alunos se mostraram contra essas condições já a princípio, citando exemplos que eles conheciam como, por exemplo, a falta de direitos para trabalhadoras grávidas, os riscos que certos trabalhadores de fábricas são expostos, jornadas de trabalho extremamente longas, salário injusto, dentre outros.

O trabalho como necessário à condição humana tem potencial de transformação e libertação, sendo possível a partir dele a produção de bens culturais e artísticos além de bens necessários à sobrevivência. No entanto, baseado em um sistema de produção capitalista, o trabalho é alienado e mercantilizado. Não há preocupação com as condições de trabalho, tampouco com o sentido dele na vida dos trabalhadores e sua autonomia. O trabalho é portanto visto meramente como um bem de troca, visando apenas o lucro (TREIN, 2012).

3.3 Consumo

A terceira etapa da discussão foi a do “consumo”. Nela foi falado principalmente sobre o consumismo. Alguns dos alunos disseram que são consumistas e que reconhecem que compram muitas coisas sem necessidade. Foi problematizado o porquê das pessoas comprarem sem necessidade, o que as induz a isso. Assim, os alunos citaram a mídia, propagandas e como elas influenciam as pessoas a comprarem além do necessário. Também citaram algumas doenças psicológicas que muitas vezes podem se relacionar ao consumismo, como por exemplo, depressão e ansiedade. Quando questionados se eles consomem muito sem necessidade, apesar de alguns alunos responderem que sim, outros disseram que não, pois não tem condições financeiras para tal, já que, segundo eles, o Brasil está em crise. Assim, foi discutido quem tem esse poder de compra e quem não tem, chegando a uma discussão sobre desigualdades sociais. Os alunos falaram sobre os produtos que são possíveis comprar por um preço muito baixo em lojas chinesas. A partir disso, foi discutido o motivo de esses produtos serem tão baratos, de onde eles vêm como são produzidos, por quem, em quais condições. Foi falado sobre quais são os países que tem sua matéria-prima explorada e muitas vezes sua força de trabalho também. Assim, foi possível conversar sobre as doenças negligenciadas. Em uma das turmas a discussão tendeu sobre a indústria farmacêutica, sobre para quem às pesquisas científicas são feitas e como os países subdesenvolvidos não são alvos de preocupação em relação a essas questões de saúde.

Costa (2004) entende o consumismo através do seu conceito moderno formulado pela influência do contexto no final do século XX e início do século XXI, o autor destaca através da cultura burguesa é possível contribuir o consumismo atrelado ao fator psicológico e cultural, caracterizado por uma sociedade onde o consumismo é sinônimo de felicidade.

3.4 Descarte do lixo

Por fim, a última etapa discutida foi a do “descarte do lixo”. Os alunos de forma geral concordaram que muitas vezes o descarte é inapropriado e causa danos ao meio ambiente. Os dados dos questionários foram apresentados a eles, mostrando que a grande maioria deles tem acesso ao saneamento básico. Foi problematizado então, se apesar disso, toda a população também tem acesso. Eles inicialmente citaram que alguns países subdesenvolvidos não têm acesso ao saneamento básico e ficaram surpresos quando foi dito que grande parte da população brasileira também não tem, inclusive dentro do próprio estado deles. Foi questionado sobre como é a condição de vida em um local sem saneamento e quais são as doenças relacionadas. Eles souberam citar dengue, leptospirose, dentre outras e destacaram a importância do saneamento.

O descarte de lixo é um dos fenômenos mais estudados por pesquisadores interessados na preservação do meio ambiente (Geller, 1989). “Os consumidores se desfazem das coisas, seja porque já realizaram sua função ou possivelmente porque não são mais adequadas à visão que eles têm de si próprios” (Solomon, 2002, p. 248). O autor ainda complementa dizendo que muitas vezes o consumidor não tem conhecimento do real processo que acontece no descarte do lixo e como este fator influencia o ambiente, dificultando assim em se ter uma real conscientização da população que muitas vezes é obtida através somente de marketing, que apesar de ser um meio eficaz de informação, trás algumas consequências como o incentivo ao consumismo.

Em cada turma o caminho seguido durante a ministração das aulas foi diferente, pois os alunos demonstram mais interesse por temas variados, todas as aulas tiveram a duração de 50 minutos e foram realizadas em forma de roda de conversa, para que os alunos tivessem mais liberdade de se expressarem e mostrarem seu conhecimento prévio sobre os temas abordados. Durante toda a discussão houve um cuidado para que as questões de saúde como doenças fossem relacionadas com o tema.

A avaliação proposta foi à elaboração de uma paródia pelos alunos, em que eles podiam escolher o tema baseado na discussão feita. Eles tiveram o prazo de duas semanas para produzi-la, sendo que uma aula foi destinada para a discussão com a orientação das estagiárias dentro dos grupos de trabalho, que foram definidos pelos próprios alunos, junto com as estagiárias e a professora. Os temas mais escolhidos foram consumismo, poluição, separação de lixo, reciclagem. Nas paródias os alunos não relacionaram o meio ambiente com o meio social, tratando das questões ambientais de maneira isolada, diferente da forma como foi feita a discussão durante a aula. Isso provavelmente aconteceu, pois o tempo destinado ao trabalho foi pequeno, o que não possibilitou grandes trocas, discussões e reflexões, se limitando a questões mais pontuais.

Foram 19 paródias no total, sendo 10 sobre poluição, 2 sobre preservação do meio ambiente, 2 sobre lixo e reciclagem, 3 sobre a dengue e demais doenças, 1 sobre consumismo e 1 sobre desmatamento. Dentre todas essas paródias, 16 apresentaram uma visão conservacionista sobre a questão ambiental, não relacionando os temas tratados com o meio social, mas sim analisando de forma isolada, diferente da maneira com que conduzimos as discussões em sala de aula. Três paródias apresentaram alguns trechos que se relacionam com o meio social,

apresentando um pouco viés mais crítico sobre a situação. Os trechos são os seguintes:

Paródia 1: *“Seguimos essa missão para uma mudança relevante mas somos interrompidos por quem age como o Trump.” (...) “O planeta por um triz. Dá um peso na mente em pesar tudo que fiz”*

Nesse trecho, os alunos mostraram uma relação dos problemas ambientais com a política, citando pessoas que agem como o Trump. Apesar disso, traz uma concepção de culpabilização dos sujeitos sem levar em consideração todo o contexto.

Paródia 2: *“A dengue é um problema e temos a solução. Lutando contra o vírus, ensinando a precaução. Informando as pessoas sobre a nossa proteção. Pensando no nosso ambiente e na saúde do povão”.*

Nessa paródia há uma preocupação em levar informação às pessoas sobre como prevenir a dengue, como é importante que se pense na saúde da população e no ambiente.

Paródia 3: *“A Cohab começou a reciclar e o Jardim Glória tá pronto pra coletar. O que está fazendo? Porque está parado? Recicle no seu bairro e tenha um bom resultado. O Serra Azul começou a reciclar, o resto da comida no marrom cê vai jogar.”*

Esse trecho retrata uma questão social quando se refere aos bairros da cidade e aos seus moradores. No entanto, mostra uma grande preocupação com a reciclagem de lixo de maneira isolada, não cita os motivos de essa ação ser importante, qual seria a contribuição dos moradores para isso, como se relaciona com os demais componentes da sociedade, dentre outros.

Portanto, de forma geral, nas paródias os alunos não relacionaram o meio ambiente com o meio social, tratando das questões ambientais de maneira isolada, diferente da forma como foi feita a discussão durante a aula. Isso provavelmente aconteceu, pois o tempo destinado ao trabalho foi pequeno, o que não possibilitou grandes trocas, discussões e reflexões, se limitando a questões mais pontuais.

Assim, foi possível perceber como um trabalho pontual surte pouco efeito no processo de aprendizagem dos alunos. São necessários então, trabalhos contínuos, que incluem a participação dos mesmos e os façam sentir como parte do trabalho para que os efeitos sejam mais produtivos e os alunos consigam assimilar de forma mais completa os conteúdos trabalhados (MOTA, 2012).

A partir disso também é possível analisar como há uma visão fragmentada da sociedade arraigada na população, o que dificulta o entendimento das questões ambientais como algo interligado com as diferentes esferas da sociedade.

A educação ambiental, segundo Dias (2005) é marcada por: *“por incorporar as dimensões socioeconômicas, política, cultural e histórica, não podendo se basear em posturas de aplicação universal devendo considerar as condições e estágio de cada lugar, sob uma perspectiva histórica”.* Assim é necessário que se entenda o contexto histórico para que a ação da educação ambiental seja realizada de forma efetiva. Brandão (2004) ainda complementa dizendo que este processo precisa ser entendido e realizado de forma contínua e de longo

aprendizado, promovendo também uma interatividade não só da escola, mas também da família e sociedade.

Ainda neste sentido, Tristão (2002), aponta quatro desafios da Educação ambiental, que esta diretamente associada ao papel do educador ambiental:

- 1) *enfrentar a multiplicidade de visões*, isto é, o educador precisa fazer conexões, identificar e compreender todas as interpretações relacionadas ao meio ambiente;
- 2) *superar a visão do especialista*, promovendo a ruptura da visão de especialidades, de práticas disciplinares;
- 3) *superar a pedagogia das certezas*, o que remete a pensar nos riscos produzidos e nas incertezas científicas;
- 4) *superar a lógica da exclusão*, o qual refere-se à necessidade de superação das desigualdades sociais (TRISTÃO, 2002).

Assim é necessário que a formação inicial e continuada de professores seja repensada, juntamente com sua prática pedagógica que precisam estimular a interdisciplinaridade, estimulando um diálogo e interação entre as disciplinas, para que isso ocorra é necessária a troca de e confronto de saberes, a fim de quebrar e superar a visão multidisciplinar (JACOBI, 2005).

4. CONCLUSÃO

A educação ambiental tem papel importante para a compreensão da realidade de maneira holística, em que os sujeitos sejam capazes de reconhecer a relação entre os diversos âmbitos sociais, podendo assim, agir no sentido de causar transformações visando uma sociedade mais justa e igualitária.

A partir do projeto realizado é possível concluir a importância de se trabalhar educação ambiental nas escolas como um processo contínuo, que perpassa pelas diferentes disciplinas e é trabalhada pelos diferentes professores para uma formação mais completa, que pode ser atingida em longo prazo. É igualmente necessário que essa mesma abordagem aconteça na formação inicial de professores, que serão os futuros sujeitos a trabalharem a temática nas escolas, durante sua prática docente.

No desenvolvimento do projeto pode-se perceber que em vários momentos durante as discussões apresentam grande curiosidade e interesse pelo tema, além de participar ativamente das atividades propostas, através de exemplos do cotidiano dos alunos foi possível também perceber que abordar um conteúdo com exemplos próximos dos alunos, auxilia para uma maior compreensão e despertar o interesse. Nesse sentido, durante as discussões os alunos conseguiram em certos momentos compreender o ambiente na sua totalidade e não apenas no seu sentido naturalista, como mostrado em parte das paródias, o que demonstra que é necessário que este tema seja abordado mais vezes, para que os alunos possam construir o conceito de meio ambiente em um viés crítico transformador.

Durante todo o processo de construção e realização do projeto houve uma grande parceria entre estagiárias e a professora supervisora, o que foi fundamental para que a atividade fizesse

sentido para os alunos. Assim, é importante destacar a importância de uma relação de trocas entre universidades e escolas básicas. A partir de uma atividade realizada por meio do estágio foram possibilitadas trocas entre alunos, professora e estagiárias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Berenice Gehlen. O que é Educação Ambiental? Publicado no website do Projeto Apoema – Educação Ambiental, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília, 2004.

BRASIL. LEI N 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. IPI educação ambiental e política nacional de educação ambiental, Brasília,DF, abr. 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura et al. **Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 13-24, 2004.

CAVALCANTI, Clóvis. Uma tentativa de caracterização da economia ecológica. **Ambiente & Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 149-156, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. **O Vestígio e a Aura – Corpo e Consumismo na Moral do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DALY, Herman. Políticas para o Desenvolvimento Sustentável. In: CAVALCANTI, C. (org.) **Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Políticas Públicas**. S. Paulo: Cortez, 1997, pp. 179-192.

DE CAMPOS TOZONI-REIS, Marília Freitas. **Educação Ambiental, natureza, razão e história**. Autores Associados, 2004

DIAS, Leila Christina; DA SILVEIRA, Rogério Leandro Lima. **Redes, Sociedade e Território**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

FERNANDES, Josicélia Dumêt et al. Ensinar saúde/enfermagem numa nova proposta de reestruturação acadêmica. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 41, n. spe, p. 830-834, 2007.

FESTOZO, Marina Battistetti, TOZONI-REIS, Marília Freitas Campos. **Formação de Educadores Ambientais na Educação Superior: Relações Público-Privadas**. UNESP, Bauru, 2017.

GELLER, E. Scott. (1989). Applied behavior analysis and social marketing: An integration to preserve the environment. **Journal of Social Issues**, 45, 17-36.

CROSBY, RM Harden, Joy. 2000. The good teacher is more than a lecturer: the twelve roles of the teacher. **Medical Teacher**, v. 22, n. 4, p. 334-347

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educ. Pesqui. [online]**. 2005, vol.31, n.2, pp. 233-250.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. et al. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 65-83, 2004.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOUREIRO, Carlos Fredetico. Pesquisa-ação participante e educação ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória. In: Tozoni- Reis, Marília Freitas de Campos, org. **A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas/** Organização de Marília Freitas de Campos. – São Paulo, 2007.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa, Edições 70. 1993.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOTA, Daniel. Educação ambiental e o educador ambiental: o desafio de elaborar e implantar projetos de educação ambiental nas escolas. **Monografias Ambientais**, v. 7, n. 7, p. 1717-1722, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Didática e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1997. _____.; LIMA, M. S. L. (Orgs.). **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004

SOLOMON, R. Michael. **O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

TOZONI- REIS, Marília Freitas Campos. **Educação Ambiental: natureza, história e razão** – Campinas, SP. Autores associados, 2004. (Coleção educação contemporânea).

TOZONI- REIS, Marília Freitas Campos, org. **A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas/** Organização de Marília Freitas de Campos. – São Paulo, 2007.

TOZONI-REIS, Marília Freitas Campos. **Pesquisa-ação: compartilhando saberes; Pesquisa e Ação Educativa Ambiental**. In: _____. Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

TREIN, Eunice Schilling. A educação ambiental crítica: crítica de quê? **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, 2012.

TRISTÃO, Martha. **As dimensões e os desafios da educação ambiental na sociedade do conhecimento**. In: RUSHEINSKY, A. (Org.). Educação ambiental: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

APOIO: CAPES E FAPEMIG